

“A lusofonia é uma ave migratória” — Entrevista a Olinda Beja, escritora e poetisa são-tomense¹

Lurdes Macedo*

Jorge Adolfo Marques**

“Risonho, o Equador saltita
para o umbigo de Mãe-África
sensualizando-a nos caminhos abertos
às correntes atlânticas
onde as sementeiras proliferam ao deus-dará
como tudo o que é bom.”
(in Pingos de Chuva, Olinda Beja)



Olinda Beja, escritora e poetisa são-tomense com doze obras publicadas e uma no prelo, entre poesia, romance e contos, fala-nos da história do seu país, do panorama literário de São Tomé e Príncipe, do lugar que a língua portuguesa aí ocupa e do seu entendimento sobre o significado da lusofonia.

Lurdes Macedo — Olinda Beja, é para nós um enorme privilégio poder entrevistá-la para o Anuário Internacional de Comunicação Lusófona. Trata-se do primeiro contributo de São Tomé e Príncipe para esta publicação...

Olinda Beja — E para mim é um enorme prazer poder dar esse contributo. Infelizmente, há uma quantidade de factos que levam a que São Tomé e Príncipe seja um país totalmente escondido, totalmente apagado. Eu, quando estou num outro país qualquer e peço um mapa-mundo — gosto que os meus interlocutores tomem contacto com o ponto estratégico que constitui o país onde nasci porque é equatorial e porque está no meio do mundo — fico desiludida quando vejo que São Tomé e Príncipe não está lá. Portanto, não aparece em muitos dos mapas... Depois, porque na história das independências africanas, São Tomé e Príncipe não assumiu qualquer tipo de protagonismo. Enquanto que muitos dos países africanos, como por exemplo Angola, tiveram lutas, tiveram guerras, São Tomé manteve-se num clima de relativo pacifismo. O MLSTP² aparece, nessa altura, mais por uma questão política. Portanto, São Tomé tem uma forma muito espe-

¹ Os autores agradecem o precioso contributo de Isabel Macedo — do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, na transcrição desta entrevista.

* Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho mlmacedo71@gmail.com

** Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu - jmarques@esev.ipv.pt

² Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe.

cial de estar no mundo e de estar no tempo. Distanciou-se dos outros países por várias vias, uma delas a do ininterrupto: não houve guerras. Tivemos umas guerrilhas, tivemos a revolta de Batepá³, em 1953 — que foi muito má — mas os movimentos de libertação pararam aí.

Jorge Adolfo Marques — Não houve, portanto, uma guerra colonial...

OB — Não houve propriamente guerra colonial. Houve fome, houve miséria, houve escravatura e houve muitas outras coisas muito más que eu penso que também influenciaram o facto de nós, são-tomenses, estarmos nesta solidão. São Tomé teve sempre, desde o Século XVI, uma fama terrível, nomeadamente por causa do seu clima poderoso que propiciava a malária (naquela altura chamavam-lhe as febres). Cerca de noventa por cento das pessoas que para lá iam acabavam por morrer, sobretudo os europeus, que não resistiam aos pântanos, aos mosquitos, aos animais selvagens, à célebre cobra preta do café que matava toda a gente. Por esta razão — e eu estudei isto ainda há muito pouco tempo — a maior parte das pessoas condenadas ao degredo cumpriam a sua pena em São Tomé. O Mário Cláudio escreveu um grande livro sobre este tema, *Oríon*, que é em minha opinião uma autêntica maravilha. Nesse livro, o autor retrata o drama das crianças judias que D. João II arrancou aos pais, que recusavam mudar de religião, deportando-as para São Tomé e Príncipe. A maior parte delas pereceram porque de Lisboa a São Tomé a viagem era dura; muitas meninas foram violentadas...enfim, os que chegaram ao seu destino ficaram lá, entregues à sua sorte. D. João II — a quem chamamos o Príncipe Perfeito — fez coisas abomináveis. O Mário Cláudio pesquisou todos estes dados na Torre do Tombo⁴; trata-se, portanto, de um romance histórico. Felizmente, há uns cinco ou seis anos, realizou-se uma cerimónia em memória destas crianças, em São Tomé e Príncipe, com a presença do primeiro-ministro de Israel.

JAM — Era uma espécie de Ilha do Inferno...

OB — Era, à época, uma espécie de Tarrafal⁵. Só que em São Tomé não foi preciso construir um centro de reclusão, porque a própria ilha já o era, com o seu clima pavoroso, com a sua floresta onde as pessoas se metiam e nunca mais eram vistas, dando origem a várias lendas. Portanto, os crimes maiores eram punidos com a deportação para São Tomé. Tudo isso leva a que São Tomé tenha um memorial histórico triste e dramático. Não é por acaso que a canção de Cesária Évora, cantora cabo-verdiana, nos diz “Quem mostra’ bo/Ess caminho longe?/Quem mostra’ bo/Ess caminho longe?/Ess caminho/Pa São Tomé”.

³ Confronto que opôs os negros são-tomenses aos colonos portugueses, entre 3 e 8 de Fevereiro de 1953, devido ao regime laboral de “contrato” — uma quase escravatura — levado a cabo nas roças. A repressão policial, autorizada por Carlos de Sousa Gorgulho, Governador-Geral de São Tomé e Príncipe, vitimou, em escassos dias, cerca de mil negros.

⁴ Arquivo Central do Estado Português, desde a Idade Média, encontra-se actualmente instalado no edifício da Torre do Tombo, em Lisboa.

⁵ Colónia penal do Tarrafal, localizada na ilha de Santiago, em Cabo Verde, construída entre as décadas de 20 e 30 do século passado, para onde foram enviados muitos dos opositores ao regime ditatorial português.

JAM — E como é que os são-tomenses olham, hoje, para essa história?

OB — Cada grupo social tem a sua maneira particular de olhar para a história de São Tomé e Príncipe. O antigo trabalhador de roça — a quem faltava a liberdade, mas que tinha a barriga cheia — mesmo que até, por vezes, tivesse levado com o chicote diz: “ah, o tempo do colono é que foi bom, quem dera o tempo do colono”. Eu já ouvi pessoas mais velhas dizerem-me “Dona, o colono foi mais que Deus para nós, no tempo do colono eu nunca passei fome, eu quando queria um médico eu tinha”, porque todas as roças tinham um hospital e todos os hospitais tinham dois, três médicos e vários enfermeiros. O meu pai foi sempre enfermeiro de roça. As roças eram propriedades de grande dimensão e dentro delas havia tudo: a casa do patrão, a casa grande, a casa do guarda-livros, os escritórios, o hospital, a cantina, o cemitério, os mercados. Ali trabalhavam quatro mil, cinco mil, seis mil pessoas.

LM — O colonizador visto como um protector...

OB — Sim, para o antigo trabalhador de roça o colono era visto como um protector. Depois há aquele trabalhador de roça mais instruído, aquele que não aceitava a sua condição, que vê que foi ludibriado, que assinou por três anos e que o obrigaram a ficar trinta...a esse trabalhador, aos seus filhos e aos seus netos, a história de São Tomé causa revolta. Nem podem ouvir falar... Eu vou todos os dias à net ver o jornal virtual e quando alguém faz comentários do tipo “mas olha que vocês agora estão pior”, lá vêm logo, dez, doze ou mais dizendo coisas como “cala a boca porque tu não sabes o que dizes, eu é que sei porque o meu avô contava e o meu pai conta que nas roças era terrível”. De facto, o poder era do roceiro, os roceiros eram pequenos governadores dentro das suas comunidades. Ao mesmo tempo, São Tomé produziu ouro, São Tomé produziu cacau — foi o maior produtor mundial de cacau — produziu café, teve o poder das roças. Todo este contexto gerou uma sociedade mestiça que se acomodou e se aculturou.

JAM — Aculturou-se a Portugal, à realidade europeia?

OB — Sim, à realidade europeia. Essa comunidade mestiça em São Tomé é quase que uma comunidade à parte e é mal vista pelos negros. Trata-se de uma situação que vem do tempo do Almada Negreiros⁶ e do Francisco José Tenreiro⁷. O mulato regressava da metrópole onde tinha estudado, era acolhido pelo pai branco que tinha pago esses estudos e nunca pela mãe negra. Aí gerava-se outro dilema, o dilema da mulher negra a quem diziam sobre o seu próprio filho “ele vai ali, mas tu não lhe tocas porque...”.

LM — O mulato visto não só como um híbrido racial, mas também como um híbrido cultural...

OB — ...e sentimental e social. Tanto assim é que, quando eu regresssei, tive tias e tios que se puseram de joelhos, vieram a rastejar até mim e beijaram-me os pés.

⁶ José de Almada Negreiros, pintor, escritor, poeta, ensaísta, dramaturgo e romancista português, de origem são-tomense, ligado ao movimento modernista.

⁷ Francisco José Tenreiro, poeta são-tomense, pertenceu à corrente de intelectuais negros que proclamava o direito a uma identidade africana, em meados do século XX.

Eu, surpreendida, perguntei: “mas porque fazem isto?”. E eles responderam-me: “porque nunca nenhum mulato voltou à terra para beijar a mãe”.

LM — Poder-se-á dizer que a sociedade são-tomense não está ainda reconciliada com a sua própria história...

OB — Não está. Sobre este assunto, tenho no prelo um conto intitulado “Lembras-te”, no qual eu coloco um habitante de São Tomé, um negro, no cais, a recordar o seu tetravô, que em 1680 lá aportou. E ele próprio, negro, se admira por ter aquela cor, uma vez que tem antepassados de todas as etnias e proveniências. Pela boca deste personagem faço uma análise histórica e cultural das raízes do povo são-tomense. O meu editor no Brasil advertiu-me para o facto deste conto poder constituir uma “revolução” em São Tomé e Príncipe. Mas é isso mesmo que eu pretendo... abanar as cabeças dos meus conterrâneos, fazê-los ver que não é por terem a pele totalmente escura que podem esquecer os seus ascendentes que vieram de Portugal, de Angola, de Moçambique, do Brasil, de Génova e que fizeram a sua viagem em sentido inverso. Toda esta gente foi para São Tomé, teve filhos mestiços que depois se acasalaram com negros e lá está... geraram negros com as mais variadas ascendências. É engraçado porque uma vez entrei numa casa tradicional de madeira, como é a minha, como é a da minha mãe, e a um canto da casa estava uma mulher muito velhinha — teria perto de 100 anos — no chão a falar baixinho. Toda a sua família era negra. Reparei que numa parede estavam duas enormes fotografias antigas, a preto e branco, da mesma pessoa. Tratava-se de um jovem branco, com olhos claros, com a mãozinha no queixo. A mim, pareceu-me o Clark Gable ou um qualquer outro actor de cinema daquela época. A mulher, surpreendida com o meu comentário, atirou-me: “Quê dona, o que é que dona está a dizer? Aquele que ali está é meu trisavô, branco, de Viseu”. Quem é que hoje, ao olhar para aquela mulher e para a sua família, poderia adivinhar-lhe tal ascendência?

LM — O seu percurso literário, com doze obras publicadas e mais uma no prelo, conta com poemas, romance e contos. Trata-se de um percurso já longo e muito diverso, sempre de inspiração africana, mais concretamente são-tomense...

OB — Com a excepção do romance “A pedra de Vila Nova”, toda a minha obra tem uma marcada inspiração africana. É assim... eu sempre escrevi, desde os 15 ou 16 anos, aquela idade em que eu acho que todos nós escrevemos. Eram os diários, as paixões escondidas, os segredos que a gente não quer que os outros saibam e também a revolta que havia dentro de mim. Quando tinha discussões com a minha mãe adoptiva, quando o meu pai não mandava a mensalidade, lá estava eu a escrever, a explanar no papel o que me ia na alma. Depois chega-se àquela idade em que se deitam todos esses escritos fora, em que aquilo não é nada quando comparado com outras coisas que descobrimos, com novos mundos literários. Ao redescobrir a minha África — uma redescoberta dramática, mas bela, poderosa e muito forte, que se me entranhou mesmo no corpo — o deslumbramento foi tal que começo novamente a escrever. Toda a minha escrita é, de facto, uma escrita afri-

cana. No romance “15 dias de regresso” teço um dilema, que é o dilema do mestiço, do homem dos dois mundos, como dizia o Francisco José Tenreiro. Por vezes, mesmo os especialistas em literatura e os críticos literários não conseguem entender esta dualidade: não podemos negar o mundo da mãe, que é negra, nem o mundo do pai, que é branco, que nos pagou os estudos e que nos deu a oportunidade de conhecermos uma outra realidade. E isto é muito complicado. O que é que eu tento retratar nas minhas obras? O mundo mais desprotegido...e o desprotegido é o africano, por mais voltas que a gente dê. Ora, se o meu país tem apenas 160 mil habitantes, se é desconhecido, porque é que eu não hei-de escrever sobre ele? Por vezes, sou criticada por não escrever sobre o mundo que me foi dado pelo meu pai, sobre o mundo dos europeus...mas esses não precisam que eu escreva sobre eles.

LM — O território africano, em termos literários, é mais inexplorado...

OB — Sim, em parte, é mais inexplorado...e é somente em parte porque, por exemplo, nós temos em Angola uma quantidade considerável de escritores, temos agora o Ondjaki. Temos, em Moçambique, o Mia Couto. Nós, em São Tomé, temos muito menos escritores. Depois, em São Tomé não há editoras, não há tipografias, não há nada. Nós temos que ter sempre a ajuda de outros, temos, por exemplo, que ir editar a Angola. Daí resulta a minha vontade e a minha inspiração para escrever sobre São Tomé e Príncipe. Com o livro de contos “Pé de Perfume” ganhei dois prémios literários que se traduziram em duas bolsas de criação literária, atribuídas pelo Centro Nacional de Cultura e pelo Instituto Camões⁸. A segunda bolsa foi contestada, mas justificada por eu estar a explorar um campo que ninguém conhecia. Quando se fala de São Tomé, ninguém sabe o que é o “Tchiloli”⁹, por exemplo. Quando se fala sobre aspectos relacionados com Angola ou com Moçambique, as pessoas estão muito mais familiarizadas. Num curso que frequentei sobre Literaturas Africanas, as próprias professoras me agradeceram tudo quanto eu lhes ensinei, por desconhecem São Tomé e Príncipe. Quando se fala de escritores são-tomenses, a maioria das pessoas fica um pouco perdida. Algumas poderão conhecer a Alda Espírito Santo¹⁰ e pouco mais...quando nós tivemos o Francisco José Tenreiro e o Almada Negreiros, que embora tivesse vivido em Portugal, era são-tomense, nasceu em São Tomé e Príncipe. Aquele poema que ele escreveu à mãe, “mãe, deixa-me encostar a minha cabeça no teu regaço”, foi inspirado pelo facto de a mãe dele, também são-tomense, ter morrido quando ele tinha apenas dois anos e meio. É muito interessante perceber que a componente paisagística do último quadro que ele pinta na sua vida é uma representação de São Tomé e Príncipe.

⁸ Organismo sob a tutela do Ministério dos Negócios Estrangeiros português, cuja missão é promover e divulgar a cultura portuguesa.

⁹ Manifestação cultural de enorme importância em São Tomé e Príncipe. Consiste na encenação de uma peça - de origem europeia incerta e levada para o país pelos portugueses no século XVI - com inspiração religiosa, sobre a paixão de Cristo e o Imperador Carlos Magno.

¹⁰ Alda Espírito Santo, são-tomense, uma das mais conhecidas poetisas africanas de língua portuguesa.

Portanto, há nele sempre uma saudade, uma lembrança...

LM — E o Francisco José Tenreiro...?

OB — ...voltando ao Francisco José Tenreiro, quanto a mim, a figura maior da poesia de São Tomé e Príncipe... ele foi o poeta da negritude que, embora assumindo os dois mundos, defendeu sempre o mundo negro. No final da vida — morreu muitíssimo novo, com quarenta anos — é designado deputado para a Assembleia Nacional por Salazar, situação que lhe trouxe muitos dissabores. Pensa-se que a pressão de que foi alvo abreviou a sua morte. Ele tinha a tensão muito alta ...e era um homem dos dois mundos. Francisco José Tenreiro diz nos seus poemas “quando amo a negra, sou negro, quando amo a branca, sou branco” ...mas ele defendeu sempre mais, muito mais, a cultura negra. Os seus livros “Ilha do Nome Santo” e “Coração em África” são exemplo disso.

LM — Percebe-se que o Francisco José Tenreiro se encontra entre as suas referências...

OB — Sim, tal como os clássicos portugueses — Camões, Eça ou Camilo — e tal como o Jorge Amado. Com “Subterrâneos da Liberdade” — quando eu começo a descobrir o Jorge Amado — e depois com “Capitães de Areia” e com “Gabriela, Cravo e Canela”, todo esse mundo relacionado com África me encanta, com as mães de santo, com os terreiros...

LM — É o mundo da Bahia e a Bahia é...

OB — ...é o mundo de África no Brasil. Só depois do Jorge Amado é que descubro os africanos. Gosto muito do Germano de Almeida, nomeadamente do “Testamento do Sr. Napumoceno”. Actualmente, leio muito o Agualusa. Gosto muito, muito do Agualusa, acho que “As mulheres de meu pai” e “Nação Crioula” são obras incontornáveis.

JAM — Poder-se-á dizer que as suas preferências literárias, neste momento, recaem sobretudo sobre a literatura africana...

OB — Ou de temática africana, ou de raízes africanas...

JAM — Não a entusiasma a literatura que se produz hoje em Portugal, o Saramago ou António Lobo Antunes?

OB — Li tudo quanto saiu do Saramago. Leio Saramago, leio Lobo Antunes e leio a Agustina Bessa Luís. De todos, prefiro a Agustina...é de difícil leitura, mas as suas descrições são soberbas. Gosto muito da Agustina, não por ser mulher, mas por aquilo que produziu ao longo da sua vida. Mas há um sabor diferente na literatura africana, há uma visão, há até um recriar paisagístico que nos transporta para além do horizonte. Eu costumo dizer que quando nós lemos um autor africano, por pior que ele seja, há sempre uma magia. Diga-me, no panorama da literatura contemporânea portuguesa, onde encontra a magia do Mia Couto ou do Ondjaki? Não encontra, eu penso que não encontra.

JAM — É, de facto, um tipo de literatura mágica...

OB — Mágica, talvez porque o escritor africano ainda se apoia nas raízes, na ancestralidade. Quando escrevi o “Pé de Perfume”, estive um ano inteiro no interior de São Tomé em contacto com velhos contadores de histórias e ouvi histórias de

magia, coisas que espantaram as pessoas. Os escritores portugueses não dispõem deste tipo de fontes.

JAM — Gosta mais de escrever poesia ou prosa?

OB — Eu considero que não há prosa... eu nasci numa ilha e acho que os ilhéus têm muito mais apetência para escrever poesia do que prosa.

JAM — Também se diz que Portugal é um país de poetas...

OB — É um país de poetas, sim.

LM — Como descreveria o panorama literário de São Tomé e Príncipe?

OB — São Tomé e Príncipe foi um país pioneiro no panorama da literatura africana. Logo na segunda metade do século XIX, aparece Caetano da Costa Alegre que vem estudar para Portugal e publica, a título póstumo — porque ele morreu muito novo, morreu tuberculoso — os seus poemas. Esta obra foi publicada já no início do século XX. Nesta época, nem Angola, nem Moçambique tinham produções literárias. Depois, com um grande intervalo, tivemos o Tomás de Medeiros, também poeta, e mais tarde o Francisco José Tenreiro, de quem já falámos. O Marcelo da Veiga, da Ilha do Príncipe, foi um grande poeta, com uma extensa obra produzida desde os anos 30 do século passado, tendo esta sido publicada, em parte, apenas em 1970. A Maria Manuela Margarido, que nem sequer tem obra publicada, tem poesia dispersa, lindíssima... Depois a Manuela Margarido foi nomeada embaixadora e deixou de ter tempo para a poesia. E chegamos à Alda Espírito Santo que é considerada uma mulher de cultura. Tinha um único livro publicado e já no final da sua vida, há uns dez anos atrás, eu e um grupo de amigos incentivamos-a a publicar os seus contos, o que deu uma nova vida à literatura de São Tomé. A Alda teve um percurso cultural, político e humano muito difícil de igualar... abdicou da família, abdicou dos seus amores — porque também os teve — para viver para a comunidade, para o povo. Ela estava permanentemente na UNEA — União de Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe — onde ensinava a ler e a escrever gratuitamente. E agora temos a Conceição Lima, que foi jornalista em Londres na BBC. Publicou duas obras poéticas pela Caminho¹¹ e escreve muitíssimo bem.

LM — Em São Tomé e Príncipe a língua oficial é o português, embora coexista com vários crioulos são-tomenses. Como é gerida esta coexistência?

OB — O português é a língua mãe e o crioulo é a língua materna. No tempo colonial era expressamente proibido falar crioulo, ou falar dialecto, como nós antigamente lhe chamávamos. Nós temos três crioulos: um na Ilha do Príncipe e dois na Ilha de São Tomé (um no sul e outro no resto da ilha). É engraçado porque sendo o português a língua oficial — e os são-tomenses esmeram-se por falar bem português — sempre que se conversa sobre coisas mais típicas passa-se imediatamente ao crioulo, que é a língua dos afectos. Toda a gente é bilingue, desde que nasce até que morre.

LM — Se existem três crioulos, e são estas as línguas dos afectos, o que é que significa falar português no seu país?

¹¹ Editora portuguesa de grande dimensão e prestígio, detentora dos direitos de publicação da obra de José Saramago.

OB — A língua portuguesa é um factor de coesão, porque é uma língua que nos liga. Por exemplo, eu só falo um dos crioulos, o forro. Quando eu vou ao sul, onde se fala outro crioulo que eu não domino, temos que falar todos em português. Portanto, é a língua de coesão, é a língua que nos une, é a língua que nos projecta além-fronteiras. Somos 160 mil pessoas...se nos pusermos a falar exclusivamente crioulo uns com os outros, “morremos” ali mesmo. Temos que ter uma língua de projecção: o português.

LM — Num território tão pequeno, a coexistência destas línguas é pacífica?

OB — Sim, sempre pacífica. Embora, como eu digo, no tempo colonial havia uma imposição, ninguém podia falar crioulo. Onde é que se falava crioulo? Nas canções, cantava-se...ainda hoje não se encontra nenhum cantor, mesmo dos actuais, que cante em português. Todas as canções são cantadas em crioulo. Porquê? Porque as festas dos negros eram realizadas à parte e aos colonos a canção não interessava. Afinal, a canção acabou por representar a sobrevivência destas línguas proibidas. Na época, fez-se uma canção que falava do tubarão que traduzida, é mais ou menos isto: “Deus deu-te a supremacia sobre todos os peixes do mar, mas lembra-te que embora te alimentes deles, tu também precisas deles”.

LM — O que no fundo era uma metáfora...

OB — Uma metáfora ao governador Gorgulho, já com a revolta de 1953 a ferver...

LM — Enquanto poetisa e escritora de língua portuguesa, o que significa para si a palavra lusofonia?

OB — Eu escrevi um poema sobre a definição de lusofonia...eu acho que a lusofonia é uma ave migratória que está no coração de todos nós! Enquanto a quisermos ter — porque nem todos entendem a lusofonia da mesma maneira — a lusofonia é darmos as mãos e fazermos todos as mesmas migrações...é andarmos todos cá e lá, nos mesmos navios, com os mesmos dilemas e conseguirmos estar todos, como dizia a Alda Espírito Santo, do mesmo lado da canoa. E isso é que é mais complicado... A lusofonia é aceitarmos as diferenças, é entender o outro e estarmos com ele. Só assim é que conseguimos chegar a um bom porto da lusofonia.

LM — Uma lusofonia plural, uma lusofonia que respeita a diversidade cultural...

OB — E não só...a lusofonia respeita, aceita e integra essa diversidade. Se eu estou em Moçambique, devo dançar o tufu, que é uma expressão cultural deste país. Se eu estou em Angola, devo comer o funge com a mão porque essa é a expressão cultural gastronómica do povo angolano. É assim que eu aceito o outro, é assim que eu aceito a diversidade e a pluralidade. Isto para mim é que é a lusofonia. A lusofonia não pode ser uma nostalgia (isso é outro sentimento!), porque isso impede que comunguemos todos do mesmo espírito. Houve um ano em que visitei Timor com um grupo de poetas e adorei a experiência porque percebi que há uma afinidade cultural entre São Tomé e Timor.

JAM — E de que afinidade se trata?

OB — Nos anos 20 do século passado, houve uma tentativa de revolta em São Tomé. Os contratados das roças, ajudados por mestiços já com alguma cultura, tentaram

revoltar-se, acantonando-se nas roças. Os revoltosos foram condenados à deportação para Timor. Depois, houve muitos que voltaram. Se nós virmos bem, nós pomos o nosso xaile tradicional da mesma forma que se põe em Timor e até os nossos tecidos e roupas tradicionais são muito parecidos com os de Timor. E isto é lusofonia.

LM — O que pensa do acordo ortográfico?

OB — Não concordo com o acordo ortográfico. Não é que traga desvantagens, mas também não traz vantagens. Porque é que nós havemos de mexer numa coisa que se desenvolve espontaneamente? Todos nós sabemos que a língua é dinâmica... O português da Idade Medieval não é o mesmo português de hoje. A própria língua se encarrega da sua reformulação. O “Desacordo Ortográfico”, uma antologia de contos na qual participei, é um livro escrito por vários escritores lusófonos que respeitaram o seu português particular no momento da escrita. Nós, em São Tomé, falamos ainda o português com alguns arcaísmos, o que também acontece no Brasil ou em Angola. Nós dizemos “eu estou a fazer o nojo¹² pela minha mãe”, o que em Portugal já só se utiliza em documentos. Porque é que nós não havemos de continuar, em São Tomé, com o nosso português africanizado, o português são-tomense? Penso que será interessante preservar a nossa variante da língua portuguesa. Penso também que, subjacente ao acordo, há um certo interesse brasileiro em impor a sua variante do português, até pelo trabalho que se está a fazer em África. Os brasileiros estão muito presentes, com escolas em Angola e em São Tomé. Enquanto isso, o centro cultural português já quase não existe... tiraram de lá o ar condicionado, deixaram os buracos no prédio, estão pássaros a fazer os ninhos nos livros do Almada Negreiros... houve quem tirasse fotografias para enviar à Ana Paula Laborinho, a presidente do Instituto Camões. Ao mesmo tempo, vê-se publicidade às inúmeras actividades do centro cultural brasileiro. A juventude já não entra no centro cultural português...

LM — A Olinda Beja é utilizadora do ciberespaço?

OB — De vez em quando...

LM — Vai àqueles fóruns e blogues aos quais já fez referência...

OB — Sim, sim, no tempo actual somos mesmo empurrados para isso. No Google, sou capaz de ficar uma noite inteira...

LM — O português é a quinta língua com maior representatividade na internet...

OB — Nós, lusófonos, não nos lembramos disso...

LM — Na sua opinião, o ciberespaço, pode constituir um novo lugar para a lusofonia?

OB — Eu acho que sim, que a internet pode ser, de facto, um lugar de partilha de informação e de ideias entre lusófonos que estão dispersos pelo mundo. Veja uma coisa... São Tomé, que é tão pequenino, tem um jornal virtual e às vezes, quando estou a ler as opiniões deixadas pelos cibernautas, penso que aquelas pessoas estão todas em São Tomé... e de repente apercebo-me que estão em Londres ou no Brasil! Penso que isto é bonito, que isto é, na realidade, uma virtude fundamen-

¹² Luto.

tal da internet. Podermos expor os nossos pontos de vista, tomar contacto com outras pessoas...e estarmos cada um num ponto do mundo diferente. O ciberespaço foi um benefício enorme que o género humano adquiriu.

LM — Embora São Tomé e Príncipe seja um país com poucas políticas públicas para a sociedade de informação, curiosamente, os são-tomenses são uma comunidade que usa a internet muito acima do expectável...

OB — Eu penso que os são-tomenses sentem muito a insularidade. É uma das coisas que mais marcaram, e continuam a marcar, o povo de São Tomé. No meu país, há o dia de São Navio e o dia de Santo Avião. Ainda hoje, quando chega o avião, há muita gente que está do lado de fora da rede e que não está à espera de ninguém...apenas querem ver o avião, aquilo que vem do outro lado do mundo. Quando a internet entra, passa a ser também o seu avião e o seu navio...entra qualquer coisa que lhes dá acesso ao mundo, ao exterior, àquilo que eles não conhecem, porque nem todos têm possibilidade de viajar. As viagens são caríssimas. Ainda hoje, cerca de 50% dos jovens não consegue sair do país. Portanto, quando a internet aparece, há que fazer-lhe uma boa recepção. Os centros de internet estão sempre a abarrotar, sobretudo agora que a embaixada do Brasil disponibilizou três. Portugal só lá tem um. Nós devemos isso ao Brasil: os jovens têm sempre, desde manhã até à noite, a internet a funcionar em São Tomé, o que é muitíssimo bom. Acho mesmo que de todos os países da lusofonia, São Tomé foi aquele que mais sentiu a necessidade da internet.

Obra publicada de Olinda Beja

- 1992 — Bô Tendê? (poemas)
- 1993 — Leve, Leve (poemas)
- 1993 — 15 dias de regresso (romance)
- 1996 — No País do Tchiloli (poemas)
- 1999 — A Pedra de Vila Nova (romance)
- 1999 — Pingos de Chuva (conto poético)
- 2000 — Paga Dêvê (fotografia e poemas)
- 2001 — Quebra-Mar (poemas)
- 2002 — Água Crioula (poemas)
- 2003 — A Ilha de Izunari (romance)
- 2004 — Pé de Perfume (contos)
- 2009 - Aromas de Cajamanga (poemas)
- (no prelo) - História de Granava (romance)